

A RELAÇÃO INTERDISCIPLINAR ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA AO LONGO DOS SÉCULOS

THE INTERDISCIPLINARY RELATIONSHIP BETWEEN LITERATURE AND HISTORY OVER THE CENTURIES

LA RELACIÓN INTERDISCIPLINAR ENTRE LA LITERATURA Y LA HISTORIA A LO LARGO DE LOS SIGLOS

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-194>

Data de submissão: 18/08/2025

Data de publicação: 18/09/2025

Gustavo Rodrigues da Silva

Doutor em Estudos de Literatura

Pesquisador independente

Instituição: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

E-mail: ecuatoriano.gustavo@gmail.com

RESUMO

Esse artigo pretende discutir a presença da História na Literatura por meio da História e da Crítica Literárias. Apresentamos alguns pesquisadores e abordagens teórico-críticas que estabeleceram premissas importantes para a interdisciplinaridade relevante para os dias contemporâneos entre a Literatura e a História.

Palavras-chave: Literatura. História. História Literária. Crítica Literária. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This article discusses the presence of history in literature through history and literary criticism. We present some researchers and theoretical-critical approaches that have established important premises for the interdisciplinarity relevant to contemporary times between literature and history.

Keywords: Literature. History. Literary History. Literary Criticism. Interdisciplinarity.

RESUMEN

Este artículo analiza la presencia de la historia en la literatura a través de la historia y la crítica literaria. Presentamos algunos investigadores y enfoques teórico-críticos que han establecido premisas importantes para la interdisciplinariedad relevante para la época contemporánea entre la literatura y la historia.

Palabras clave: Literatura. Historia. Historia Literaria. Crítica Literaria. Interdisciplinariedad.

1 TEXTO INTEGRAL

De acordo com Antoine Compagnon (1999, p.196), em **O demônio da teoria**: literatura e senso comum, a História Literária estuda as relações dos textos entre si e com os contextos históricos. O movimento literário e os contextos históricos complementam-se nas pesquisas da História Literária e nas pesquisas literárias como um todo. Consequentemente, nessas relações entre a Literatura e a História são importantes a dinâmica e o contexto, a diacronia e a sincronia, a imitação e a inovação, a tradição e a ruptura. A obra literária é um documento histórico que proporciona uma emoção estética constante.

Nesse sentido, para Vítor Manuel de Aguiar e Silva (1969, p.463), em **Teoria da literatura**, a História Literária “procura conhecer e interpretar o passado, busca alcançar e compreender fatos gerais e representativos, bem como estudar as suas inter-relações e a sua evolução”. Para ele (1969, p.470), a História, refletida na época em que uma obra literária é escrita, interfere na leitura dessa obra, seja em um momento sincrônico seja em um momento diacrônico. Em consequência, a História Literária pesquisa as relações de uma obra literária com os gêneros e os movimentos literários, além das relações da História Literária com a história das civilizações e das culturas. Nesse tocante, a História Literária requisita o auxílio de outras ciências como a Sociologia, a Filologia, a Linguística; entre outras.

Para Compagnon (1999, p.197), os primórdios da História Literária remontam a 1800, quando Madame de Staël (1766-1817) escreve **Da literatura**, obra seminal nessa área. Ela mostra a influência dos costumes, das leis e da religião na Literatura. Em seguida, Charles Augustin Saint-Beuve (1804-1869) explica as obras literárias pela biografia dos autores e de seus entornos sociais. A continuação, Ferdinand de Brunetière (1849-1906) acrescenta às ideias de Saint-Beuve a tradição literária materializada nos gêneros para o estudo das obras literárias. Para ele, os gêneros atuam ou são confrontados por uma obra literária. Após, aparece Gustave Lanson (1857-1934), influenciado pelo Positivismo e pela Sociologia. Propõe uma série de procedimentos literários que o historiador literário e/ou qualquer pesquisador literário deve(m) seguir. Como esses procedimentos são válidos até na contemporaneidade, passamos a descrevê-los.

O historiador literário ou qualquer profissional que pesquisa a influência da História em uma obra, autor e/ou tema(s) literário(s), precisa conhecer com profundidade a bibliografia a respeito do que pesquisa. Esse conhecimento situa o profissional no ponto inicial do qual o seu estudo deve partir, porque lhe revela o que já foi pesquisado do seu objeto de estudo. Na opinião de Aguiar e Silva (1969, p.474), o historiador literário deve fazer a sua pesquisa bibliográfica em manuais de História Literária, monografias, dissertações, teses e revistas literárias.

Nesse tocante, o historiador literário com a pesquisa bibliográfica pode decidir se irá ratificar, prolongar ou contradizer uma cadeia de saberes. Por exemplo, em nosso curso de doutorado realizado de 2019 a 2024, na Universidade Federal de São Carlos, após uma pesquisa bibliográfica em mil obras sobre a poética valle-inclaniana, verificamos que nenhum pesquisador tinha estudado sobre a presença de aspectos impressionistas nas didascálias dos dramas de Ramón María del Valle-Inclán (1866-1936). Logo, escrevemos uma tese a respeito e ampliamos a fortuna teórico-crítica sobre a poética valle-inclaniana.

Lanson alerta que o pesquisador e o historiador literários devem observar se a obra literária é autêntica, apócrifa ou se pairam dúvidas sobre a sua autenticidade. Essas dúvidas podem surgir tanto em obras antigas como em contemporâneas. Um exemplo em obras antigas é o romance picaresco espanhol **Lazarillo de Tormes** (2006), publicado em 1554. Um exemplo em obras contemporâneas ocorre na Literatura Italiana com os romances do pseudônimo Elena Ferranti. Para saber a autoria de um texto, um historiador literário baseia-se em dados internos e/ou externos. Os internos podem ser elementos estético-literários, informações biográficas, alusões a eventos, referências a outras obras literárias; entre outros. Os externos podem ser cartas, memórias, documentos arquivísticos, depoimentos de outros autores; entre outros.

Na opinião de Lanson, outro trabalho do historiador literário é descobrir até que ponto uma edição de uma obra literária é fiel à primeira edição, até que ponto a edição que tem em mãos sofreu transformações, mutilações, diminuições e acréscimos, propositais e/ou accidentais. Também, ao realizar uma edição crítica, Aguiar e Silva (1969, p.484) defende que o profissional deve produzir uma obra a mais próxima possível da vontade de seu autor.

O primeiro passo a realizar uma edição crítica na opinião de Lanson é reunir todos os manuscritos e todas as edições que existem da referida obra literária para detectar as diferenças entre eles. Os manuscritos podem ser autógrafos ou apógrafos, ou seja, escritos pelo próprio autor ou copiados por terceiros. O segundo passo é escolher uma edição ou manuscrito como texto base. Em seguida, o pesquisador deve emendar o que está faltando no objeto escolhido: gralhas, opiniões, transposições ou aglutinações de quaisquer naturezas. O quarto passo é apresentar um aparato crítico com as variantes em relação ao texto-base e o porquê de escolher determinada variante para a sua edição. Esse aparato crítico pode vir nos rodapés ou nas páginas finais. Para Aguiar e Silva (1969, p.489), esse procedimento mostra a evolução literária da referida obra. Cada variante é representada por uma sigla, geralmente uma letra do alfabeto. Defendemos que o mesmo procedimento de confecção de uma edição crítica pode ser realizado para uma tradução de uma obra literária.

Outro procedimento que o historiador literário deve executar na visão de Lanson é apurar a data correta de uma edição de uma obra literária. Essa apuração é importante, pois, por meio dela, pode se determinar a evolução literária de um autor, as influências literárias que ele teve na escrita, as influências que ele exerceu em outros autores; entre outros aspectos. Quando não se sabe a data correta, o historiador literário pode se basear em elementos internos e/ou externos em relação à obra literária para encontrar a data correta. Os elementos internos podem ser alusões a fatos históricos e/ou personagens, elementos conteudísticos e/ou formais situados dentro da poética de um autor. Os elementos externos constituem-se em documentos, escrituras ou fatos, tanto do autor em questão como de outros autores, que permitam elucidar a data.

Lanson explicita que outra tarefa do historiador literário é determinar e analisar as mudanças literárias realizadas em uma obra literária de uma edição para outra(s), apontando os motivos para essas mudanças. Por exemplo, **O crime do Padre Amaro** (2015), de José Maria Eça de Queirós (1845-1900) apresenta três redações distintas em relação ao estilo, às personagens e ao desenvolvimento da trama. A pesquisa dessas mudanças permite conhecer a evolução do referido autor realista/naturalista.

Lanson propõe que outra tarefa do historiador literário é esclarecer a literalidade de cada vocábulo que possa suscitar dúvidas em uma obra literária, assim como dos sentidos das frases e de construções sintáticas, por meio de conhecimentos linguísticos e filológicos. O historiador literário deve informar o leitor sobre referências geográficas, históricas e mitológicas também.

A gênese de uma obra literária, ou seja, a sua concepção e o seu desenvolvimento também são importantes para o pesquisador literário. Nesse aspecto, a biografia do autor elucida algumas características formais e conteudísticas de sua obra literária. Por exemplo, Álvaro Júlio da Costa Pimpão (1940) estudou a biografia de João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett (1799-1854) e descobriu que o triângulo amoroso que aparece na obra desse autor intitulada **Frei Luís de Sousa** (2005) reflete o triângulo amoroso vivido pelo próprio autor e os malefícios que a traição provocou nele. A importância da biografia do autor em uma obra literária é primeiramente preconizada por Saint-Beuve, que postula que uma obra literária é uma confissão sincera de uma alma. Nos dias contemporâneos, uma abordagem literária teórico-crítica que atribui valor à biografia é a abordagem psicanalítica.

Segundo Lanson, as fontes e as influências são importantes para o historiador literário. A fonte de uma obra literária é uma descrição, uma imagem, um fato ou um episódio que inspira um autor ou que ele/ela a/o aproveitou em sua obra. Já a influência é mais ampla porque é um processo de realização artística, uma visão de mundo ou uma forma de sensibilidade que um autor utiliza na leitura de sua obra. As fontes podem ser escritas, orais, literárias e/ou extra-literárias. Por exemplo: algumas odes de

Horácio (65 a. C. – 8 a. C.) são fontes de algumas odes de Ricardo Reis (heterônimo de Fernando Pessoa) (1888-1935), algumas características impressionistas pictóricas influenciaram características das didascálias dos dramas do autor espanhol Ramón María del Valle-Inclán (1886-1936). Uma maneira de pesquisar fontes é por meio de tópicos, que são esquemas de argumentação, sensibilidade e pensamento. O estudo de fontes e influências também pode ocorrer pela tematologia, ou seja, temas literários recorrentes como o sedutor Don Juan na Literatura Espanhola. Verificam-se a sua origem, a sua transmissão e possíveis metamorfoses.

Finalmente, outra pesquisa que pode realizar o historiador literário é verificar o sucesso obtido por uma obra e/ou autor, e a influência que exerce nos sistemas literários regional, nacional e/ou internacional. Nesse ângulo, o historiador literário pode consultar edições da obra, bibliografias, pesquisas sobre ela e/ou seu autor, entrevistar leitores, entre outras ações. Por exemplo, as pesquisas sobre **Don Quijote de la Mancha** (2004), de Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616), descobriram que essa obra traz as sementes dos romances modernistas e pó-smodernistas; portanto, o seu sucesso é imenso. Contudo, Aguiar e Silva (1969, p.507) alerta que as obras literárias que não tiveram sucesso “permitem conhecer, na sua trama profunda, as condições histórico-culturais, as correntes de sensibilidade, a atmosfera artística em que se geram as obras-primas”.

Para Compagnon (1999, p.200), a partir desses pensadores do século XIX, deduz-se que a História Literária é a Filologia aplicada às literaturas a partir do Modernismo. Entretanto, não é adequado separar a História Literária da Crítica Literária porque ao pesquisar uma obra literária, o estudioso lida com críticas literárias científicamente embasadas e dos mais variados matizes. Nesse sentido, a partir do século XX, os pesquisadores literários cada vez mais fazem estudos teórico-críticos nos quais o fator histórico possui grande relevância.

Entre as várias abordagens literárias teórico-críticas contemporâneas que observam o fator histórico destacamos duas. A primeira é o Formalismo Russo. Para os formalistas russos, a evolução literária baseia-se no conceito de desfamiliarização, quanto uma literariedade de uma obra literária difere dos sistemas literários sincrônico e diacrônico nos quais se insere. Como consequência, uma obra desfamiliarizante cria uma nova história literária por meio de sua forma inovadora, um deslocamento dos automatismos da percepção. Essa obra cria um estranhamento na tradição literária.

Para Compagnon (1999, p.208), o Formalismo Russo evidencia a dinâmica literária da ruptura e da negatividade como os vanguardistas, os futuristas e os modernistas em geral. Nesse detalhe, a evolução literária é paródica e marginal. É paródica quando uma obra literária parodia procedimentos literários formais, que já não eram percebidos como desfamiliarizantes e; logo, os questiona. Um exemplo importante é **Don Quijote de la Mancha** (2004), obra paródica dos romances de cavalaria.

A evolução literária é marginal quando uma obra periférica ou um conjunto de obras periféricas consegue influenciar um sistema literário com a sua desfamiliarização do centro. Um exemplo é o sub-gênero romance policial, sub-gênero marginal no século XIX, porém que foi a base, o centro de boa parte da literatura narrativa do século XX.

A segunda abordagem literária teórico-crítica que evidencia o fator histórico no século XX é a Estética da Recepção. Dos seus expoentes, destacamos Hans Robert Jauss (1921-1997) com o seu artigo “A história literária como desafio à teoria literária” (1967). Ele propõe que as várias gerações de leitores fazem a ligação entre a História e a Crítica Literárias, e entre a História Literária e a História Geral. O que mais importa para os estetas da recepção são os efeitos que as obras literárias causam nos leitores, e as divergências entre esses novos efeitos e os já existentes. Dessa maneira, constroem-se cadeias de recepção que indicam a importância histórica de cada obra literária e a sua importância em relação ao sistema literário como um todo.

Como consequência, assim como os formalistas russos, os estetas da recepção harmonizam a diacronia e a sincronia nas História e Crítica Literárias. É a ideia de fusão dos horizontes que harmoniza interpretações literárias passadas com as contemporâneas. Para os estetas da recepção, o crítico literário é o leitor ideal, pois interpreta adequadamente essas cadeias histórico-literárias de recepção com os seus horizontes de expectativas e os seus desvios estéticos, que são as desfamiliarizações para os formalistas russos. Para Jauss (1967), os desvios estéticos, as inovações são os momentos de negatividade que fazem com que a História e a Crítica Literárias evoluam. São perguntas novas de pesquisas novas que os historiadores e críticos literários propõem-se a responder para ampliar a fortuna teórico-crítica de uma obra literária. As respostas encontradas encadeiam-se em horizontes de expectativas.

Entretanto, defendemos uma evolução para além dessas premissas do Formalismo Russo e da Estética da Recepção, porque o século XXI assiste a primazia da negatividade literária na Literatura Ocidental. O Pós-modernismo tem como motor uma novidade formal e/ou conteudística constante, toda obra sente a necessidade de inovar em todos os aspectos. Pensamos que seria interessante propôr uma abordagem teórico-crítica que buscasse sistematizar e discutir características literárias constantes nessa novidade literária constante. Como afirma Compagnon (1999, p.223), os pesquisadores estão sem chão, soltos na gravidade literária. É hora de reconstruirmos novas bases para a História e a Crítica Literárias, e reforçar os vínculos entre Literatura e História. Fá-la-emos em um próximo artigo.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. Teoria da literatura. 2. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1969.
- ANÔNIMO. Lazarillo de Tormes. Víctor García de la Concha (ed.). Madri: Espasa-Calpe, 2006.
- CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. Don Quijote de la Mancha. Madri: Alfaguara, 2004.
- COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.
- EÇA DE QUEIRÓS, José Maria. O crime do Padre Amaro. Cascais: Cascais Classic Editions, 2015.
- GARRETT, Almeida. Frei Luís de Sousa. Porto: Porto Editora, 2005.